

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



## O LÓGICO E O HISTÓRICO COMO DIMENSÕES METODOLÓGICAS NA CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA

Elton Rodrigo Rosa<sup>1</sup>  
Henrique André Ramos Wellen<sup>2</sup>

**Resumo:** Marx concebeu sua obra máxima, *O Capital*, de uma maneira a considerar como separados os métodos de investigação e de exposição. Essa base metodológica tem profundas consequências quanto ao entendimento que se deve ter das categorias expostas em sua obra com respeito ao seu funcionamento no modo de produção capitalista. Uma dessas consequências é a existência do debate metodológico entre as dimensões lógica e histórica na Crítica da Economia Política. O objetivo desse trabalho é tentar expor como essas dimensões se articulam. Para realizá-lo, buscou-se introduzir o tema da ruptura da Crítica da Economia Política com relação à sua predecessora. Posteriormente, analisou-se duas visões do marxismo sobre a visão historicista e a visão predominantemente lógica. Ao final, sugeriu-se um caminho para a apreciação desse conflito.

**Palavras-chave:** Karl Marx; Crítica da Economia Política; Metodologia.

**Abstract:** Marx conceived his magnum opus, *Capital*, in a way that considered the methods of investigation and exposition as separate. This methodological foundation has profound consequences for understanding the categories exposed in his work regarding their functioning in the capitalist mode of production. One of these consequences is the existence of a methodological debate between the logical and historical dimensions in the Critique of Political Economy. The objective of this work is to attempt to explain how these dimensions are articulated. To accomplish this, the theme of the rupture of the Critique of Political Economy with its predecessor was introduced. Subsequently, two Marxist views on the historicist perspective and the predominantly logical perspective were analyzed. In the end, a path for appreciating this conflict was suggested.

**Key-words:** Karl Marx; Critique of Political Economy; Method.

<sup>1</sup> CEDEPLAR/UFMG; Doutor; eltonrosa@gmail.com

<sup>2</sup> DESSO/CCSA/UFRN; Doutor; harw@uol.com.br

### PROMOÇÃO



### APOIO



## 1 INTRODUÇÃO

Em qualquer campo do conhecimento científico, a colocação da pergunta é sempre uma parte fundamental e antecipatória da pesquisa, pois apresenta procedimentos e direcionamentos do que será investigado e analisado. Por essa predominância, a forma da colocação de uma determinada pergunta pode, por vezes, determinar a separação entre uma escola de pensamento e outra no interior da mesma ciência, ou mesmo, a depender da força e autonomia da nova questão colocada, pode originar a abertura de um novo campo científico. A pergunta, assim, é uma instância fundamental do método que pode, a depender das suas características críticas, inaugurar uma nova vertente de análise. Esse é o caso, por exemplo, da relação entre a Economia Política e a Crítica da Economia Política.

De acordo com Heinrich (2006), o objeto específico da Economia Política só surge com a ascensão do modo de produção capitalista. O autor afirma que, sem dúvidas, na Polis Grega e na Idade Média, havia discussões sobre problemas econômicos, mas que, contudo, a Economia Política não seria apenas uma soma de problemáticas econômicas que surgem em diferentes contextos. Para o autor alemão, esse campo do conhecimento só teria atingido status de ciência específica quando a questão econômica aparece como uma “esfera independente e autônoma da sociedade” (HEINRICH, 2006, p. 28). Apenas a partir desse ponto seria possível falar-se de uma ciência independente: “uma concepção dessas acerca da Economia só é possível com o desenvolvimento da produção capitalista de mercadorias” (ibid.).

Cada autor da Economia Política pode ter esse ou aquele objetivo de pesquisa. Por exemplo, pode-se direcionar o enfoque para a opulência ou a distribuição da renda anual. Mas todos os clássicos da Economia Política possuem em comum uma preocupação sistemática com a análise do modo de produção capitalista (MANDEL, 1962a). Isso, independentemente de possuírem um viés naturalista, tecnicista, ou de serem capazes ou não de avançar em direção à concepção dessa ciência como a investigação sobre um conjunto de relações sociais.

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Karl Marx, o fundador da Crítica da Economia Política, teve uma posição dialética sobre essa ciência. Se, por um lado, ele utilizou o legado da Economia Política como objeto de estudos, por outro lado, ele não necessariamente representou uma continuidade temática das suas ideias e fundadores.<sup>3</sup> Contudo, tanto a Economia Política clássica quanto a Crítica tinham como pretensões científicas, mesmo que por motivações distintas, compreender o funcionamento do modo de produção capitalista<sup>4</sup>. A diferença é que Marx instaurou<sup>4</sup> uma nova perspectiva que direcionou sua pesquisa para um sentido distinto do que era anteriormente dado. Ele teve de criticar essa ciência em seus pressupostos, e colocar as questões, algumas das quais ela também tratou, de um modo inteiramente novo<sup>5</sup>.

Essa é a visão de Heinrich (2004), para quem Marx não buscava apenas criticar teorias particulares da Economia Política, mas também, e principalmente, realizar a crítica da totalidade desse ramo do conhecimento. Além disso, para o mesmo autor, Marx também não atuaria predominantemente no sentido da crítica das conclusões da Economia Política, “mas antes, a maneira pela qual ela *coloca questões*” (HEINRICH, p. 34, grifos do original), o que faz toda a diferença. Para Heinrich (2004),

<sup>3</sup> Louis Althusser, por exemplo, era crítico à posição que considera existir uma continuidade no objeto da Economia Política e sua Crítica. Ver: (ALTHUSSER; BALIBAR, 1973, p. 104 e ss.).

<sup>4</sup> “O que eu investiguei nesse trabalho é o modo de produção capitalista e as relações de produção e circulação (...). Em si e para si não se trata do mais alto ou mais baixo grau de desenvolvimento dos antagonismos sociais, os quais se originam das leis naturais da produção capitalista. Trata-se dessas leis mesmas, as quais atuam com necessidade férrea e as tendências que se impõem” (MARX, 1972, p. 12).

<sup>5</sup> Não só questões de ordem epistemológica são importantes nesse aspecto: há também um aspecto histórico importante. Marx relaciona este aspecto histórico com o desenvolvimento da produção capitalista e principalmente com a consolidação da burguesia como a classe dominante na sociedade: a partir do momento em que a sociedade capitalista se libertou das amarras feudais, os economistas políticos deixam de considerar, mesmo que de forma limitada, o processo histórico, e passam a eternizar o presente. Desse modo, o último grande representante da Economia Política clássica, na visão de Marx, seria David Ricardo, porque imediatamente posteriormente ao período da obra do autor inglês, consolida-se definitivamente a classe capitalista na Inglaterra. Marx (1972, p. 19-20) comentando o caso na Inglaterra afirma: “À medida em que ela [Economia Política] é burguesa, ou seja, concebe a ordem capitalista não como um estágio de desenvolvimento historicamente transitório, mas ao contrário, como uma forma absoluta e final da produção social, só pode a Economia Política permanecer como ciência enquanto a luta de classes permanecer latente ou apenas revelar-se em manifestações esporádicas”. Com mais detalhes, sobre esse fenômeno e período, são interessantes – ainda que peculiares – as indicações de Coutinho (2010, p. 31-39) acerca das relações entre a “Economia e as categorias filosóficas” e Lukács (2010, p. 51-105) acerca do que ele chama de “problema da decadência ideológica”.

PROMOÇÃO



APOIO





PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

a crítica de Marx à Economia Política, nesse plano, se dirige, principalmente, à tendência presente nesta ciência de se tentar neutralizar e reificar as relações sociais. Isso não seria resultado das conclusões de autores particulares, mas representaria um resultado necessário da prática cotidiana na sociedade capitalista, e, portanto, capaz de afetar toda a concepção do objeto para essa ciência. Para Marx ter sido capaz de realizar essa tarefa, de acordo com Heinrich (2004), também foi preciso que ele investigasse e produzisse uma teoria sobre o modo de produção capitalista.

Marx realiza seu percurso de um modo distinto em relação a seus antecessores, principalmente se negando a anunciar fatos econômicos como se, pretensamente, eles representassem a produção social de todas as épocas históricas. Por essa razão que o autor de *O Capital* tomou como ponto de partida da sua exposição o elemento central do modo de produção capitalista: a mercadoria<sup>6</sup>. Como, nas sociedades em que domina o modo de produção capitalista, a riqueza aparece como uma imensa coleção de mercadorias, sendo a “mercadoria individual a sua forma elementar (...) a pesquisa começa, portanto, com a análise da mercadoria” (MARX, 1972, p. 49). Se o modo de produção capitalista, que é o objeto último da análise do autor, consiste em um conjunto de relações sociais que medeiam a produção de riqueza em uma sociedade específica da história humana, compreender o caráter da riqueza na sociedade capitalista é o caminho lógico para Marx.

Porém, o caminho lógico nem sempre se revela por si mesmo, e não pode ser uma lógica abstrata, porque Marx (1972) não tem interesse em produzir algo que se pudesse de chamar de ciência pura. O autor alemão, ao contrário, quer analisar o modo de produção capitalista. Para fazê-lo, seu método de investigação e de

<sup>6</sup> Em suas ponderações direcionadas ao Manual de Economia Política de Adolph Wagner, Marx responde aos comentários feitos por Wagner a ele com as seguintes palavras: “Para mim, nem ‘o valor’, nem ‘o valor de troca’ são temas [de investigação], mas, antes, a mercadoria” (MARX, 1973, p. 358, grifos do original). Contudo, é razoável supor que em alguma medida o valor é também objeto de pesquisa, mas desde que relacionado com o tema principal, que é a mercadoria. Por isso Marx não se preocupa em definir a categoria valor de um modo *a priori*, mas sempre em referência às propriedades da mercadoria que ele progressivamente revela ao longo de sua análise. Se o valor não tem esse status apriorístico, David Harvey (2010) diz que, contudo, “a mercadoria é o ponto de partida *a priori* de Marx” (p. 15). Talvez fosse interessante que o geógrafo britânico acrescentasse que ela é um ponto de partida *a priori* do ponto de vista da exposição; do ponto de vista da investigação, Marx caminhou um longo percurso até concluir que esse era o ponto de partida expositivo mais adequado.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



exposição, que foram desenvolvidos com a própria prática de pesquisa, o fizeram tomar decisões que ecoam no debate até os dias de hoje.

Esse artigo tem como objetivo retomar o debate sobre interpretações relativas ao lógico e ao histórico em *O Capital*, apreciando duas perspectivas que apontam posicionamentos opostos quanto a esse tema: a) uma visão mais historicizante, que por alguns pode ser considerada como oficialista; e b) do outro lado do espectro, a Nova Leitura de Marx, que pretende destacar de maneira muito acentuada os aspectos lógicos sobre os históricos em *O Capital*. Ao final, são feitas algumas considerações sobre esse debate destacando sua importância, junto com uma sugestão de agenda de pesquisa.

## 2 MÉTODO LÓGICO OU MÉTODO HISTÓRICO?

Uma parte considerável da Economia Política, segundo Mészáros (2010), adotava como perspectiva fundamental a negação do presente como história. A isso, o autor chamou de ponto de vista da Economia Política. Esse ponto de vista, se por um lado, limitou muito as pesquisas desse campo de estudo, principalmente a partir de 1848, por outro lado, conferiu à Economia Política Clássica a possibilidade de realizar uma análise sistemática sobre o seu presente. Essas análises sistemáticas, relativamente desprovidas de história – não necessariamente em todos os clássicos – formam uma base procedimental de pesquisa em assuntos econômicos. Marx (1972) é um herdeiro crítico dessa tradição. Os aspectos da lógica interna dos fatos lhe são essenciais para a sua pesquisa, mas, em seu escopo de crítica, também se encontra a negação do postulado da Economia Política, de delimitar a história ao presente.

Não considerar o presente como história e entender uma determinada sociedade como o máximo desenvolvimento societário é, necessariamente, uma visão mecanicista e etapista do mundo. Contudo, esse aspecto do etapismo não se limita a uma certa tradição da Economia Política. Há trabalhos que, no campo da Crítica da

PROMOÇÃO



APOIO



Economia Política, podem adotar tais pontos de vista, e mesmo, formarem escolas de pensamento. Esse é o caso quando se define a Crítica da Economia Política como uma ciência abstrata da produção que, a partir da autoridade de um método supostamente construído *a priori* e testado no tempo, poderia ser aplicado posteriormente ao estudo da sociedade.

No *Manual de Economia Política* da Academia de Ciências da URSS é possível ler asserções como a de que: "A economia política marxista-leninista aplica as teses fundamentais do materialismo dialético e histórico ao estudo do regime econômico da sociedade" (ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS, 1959, p. 17). Consta também que: "o método de Marx consiste em ascender das categorias econômicas mais simples para as mais complexas, o que corresponde a um desenvolvimento gradual da sociedade segundo uma linha ascendente - dos estágios inferiores para os superiores" (id., p. 18). E, para completar: "Nessa ordem de investigação das categorias da economia política, a investigação lógica é o reflexo do curso histórico do desenvolvimento social" (ibid.).

Tais afirmações podem ser atrativas por oferecerem um caminho supostamente efetivo e perene para a análise da complexa sociedade em que predomina o modo de produção capitalista. Contudo, ao se analisar as passagens anteriores, observam-se importantes problemas metodológicos. A premissa, presente em algumas obras da Crítica da Economia Política, de se *aplicar* o método do materialismo dialético e histórico aos mais distintos fenômenos econômicos, revela-se problemática. Vale ressaltar que a noção de materialismo dialético e histórico é algo que foi cunhado por marxistas de diferentes escolas, em momento posterior à própria fundação da Crítica da Economia Política. E, ao se referir à *aplicação* do materialismo dialético e histórico, está se pressupondo justamente aquilo que Chasin (2009) condenou como sendo uma arrumação operativa *a priori* que orientaria *a posteriori* a investigação sobre algum aspecto da realidade.

Uma crítica desse teor implica a necessidade de análises concretas de situações concretas. O método deve ser produzido em confronto com a realidade, e não de forma anterior à investigação. Não se pode tratar nem de um receituário, nem



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



de um mecanismo a ser aplicado. A ausência de uma análise concreta teria, necessariamente, um sentido mistificador. No caso de interpretações realizadas por autores posteriores sobre Marx, isso se revela particularmente problemático, porque diferentes correntes podem atribuir ao fundador da Crítica da Economia Política essa suposta concepção de um método a ser aplicado. Uma das conclusões do *Manual da Academia* é que Marx teria aplicado esse método e teria demonstrado como o desenvolvimento da sociedade necessariamente levaria à vitória inevitável de um modo de produção sem classes<sup>7</sup>.

Não obstante, o problema metodológico se aprofunda quando se anuncia a ascensão de categorias mais simples às mais complexas, de modo a corresponder a um suposto desenvolvimento histórico. Uma das principais rupturas da Crítica da Economia Política desenvolvida por Marx em relação aos autores e obras anteriores desta área científica se deu em relação à correspondência histórica e lógica do desenvolvimento social. A análise histórica é fundamental, mas a catalogação filológica de todas as categorias não se encontra na agenda de pesquisa de Marx. Seu interesse, pelo menos em sua maturidade, pós *Grundrisse* de 1857-58, sempre foi o de caracterizar a diferença específica, ou a função social que as categorias exercem em uma determinada sociedade, sendo essa subordinada a uma totalidade, e, ainda assim, atuando reciprocamente sobre ela, conferindo-lhe novas dimensões a todo instante.

Ainda que, de início, o procedimento histórico seja necessário para apreender as determinações do desenvolvimento social, isso não significa que a abordagem analítica deve se limitar a esse campo. Na verdade, é pela apreciação lógica que se pode conectar, na essência do objeto analisado, as mediações e contradições das determinações que o consubstanciam. Além disso, o caminho de exposição tende, em geral, a se constituir em sentido inverso ao histórico. Enquanto o sentido histórico serve de aproximação ao objeto, na identificação das suas determinações, o sentido

<sup>7</sup> Marx e Engels (2017, p. 50), já na redação do *Manifesto Comunista*, eram plenamente cientes da não-inevitabilidade do triunfo de uma sociedade sem classes. Ao tratarem da história dos conflitos entre as classes, os autores comentam sobre os resultados possíveis, mostrando que tais conflitos terminam ou “com uma reconstituição revolucionária da sociedade ou com a ruína comum das classes rivais”.

PROMOÇÃO



APOIO



lógico busca expor as categorias centrais a partir dos graus de importância, que derivam da sua relação com a totalidade social.

De toda forma, o que não se pode é esperar uma derivação metodológica *a priori*, antes de se apreender as determinações da realidade. Sobre isso, vale salientar que, no conjunto geral da obra de Marx (1986), se observa que ele até chegou a tratar de temas sobre o método, mas de forma muito marginal. O texto mais conhecido a esse respeito é, sem sombra de dúvidas, uma subdivisão sobre o “Método da Economia Política”, presente na introdução aos seus referidos *Grundrisse*. Nessa obra, contudo, diferentemente do que geralmente se alega, o objetivo de Marx (1986) não foi expor um método referente à Crítica da Economia Política. Sua meta foi, na verdade, uma análise crítica ao método da Economia Política. Mesmo assim, até certo ponto, é possível que, a partir desses comentários críticos, se extraíam elementos da concepção metodológica própria do autor.

Na obra citada, Marx (1986) apresenta, além do mais, uma pequena história procedimental da Economia Política. O texto começa a partir das operações mentais mais básicas que conformam a maneira pela qual se encara problemas ao se defrontar com eles pela primeira vez, ou mesmo, do ponto de vista da vida prática. Por isso, o concreto, mesmo que desconhecido em seus detalhes, sempre é a instância primeira de enfrentamento de um determinado tema. Nesse sentido, do ponto de vista da Economia Política, a primeira coisa que se enfrenta é a população: um concreto ainda opaco. Deste momento, para o autor alemão, a população é determinada a partir da existência de diferentes ramos, de tipos diferentes de produção, de exportação. Então, se chega nos preços. De um todo, chega-se a categorias cada vez mais abstratas.

Nesse caso, julga Marx (1986, p. 14) que seria correto “começar pelo real e pelo concreto, que são a pressuposição prévia e efetiva”. Porém, ele, logo em sequência, afirma que, “graças a uma observação mais atenta tomamos conhecimento de que isso é falso” (ibid.). Essa admoestação se justifica porque a população seria uma abstração se as classes fossem abstraídas, e que as próprias classes seriam uma abstração se não se considerasse a posição que elas ocupam no

## PROMOÇÃO



## APOIO





processo produtivo ou sobre quais condições materiais ela se sustentam. Portanto, o autor conclui que se se começa pela população, tem-se uma representação caótica.

Com o desdobrar da análise, contudo, seria possível chegar a categorias cada vez mais simples. “Do concreto idealizado passaríamos a abstrações cada vez mais tênues até atingirmos determinações as mais simples” (ibid.). Uma vez que esse ponto das determinações simples é atingido, resta fazer a viagem de volta, até o retorno às categorias mais concretas iniciais. “Mas desta vez não como uma representação caótica de um todo, porém com uma rica totalidade de determinações e relações diversas” (MARX, 1986, p. 14).

Ao concluir a respeito deste processo, Marx (1986, ibid.) afirma que “o primeiro [método] constitui o caminho que foi historicamente seguido pela nascente economia. O último método é manifestamente o método cientificamente exato”. Deve-se atentar para essa frase sob o seguinte aspecto: por que Marx considera o método de se partir da totalidade caótica para as abstrações mais simples como um método incorreto, e apenas a viagem de volta, em direção ao concreto, como o método cientificamente exato? Afinal, se não fosse essa primeira viagem, não seria possível fazer a viagem de volta e enriquecer o concreto com as múltiplas determinações obtidas no primeiro caminho: ou seja, sem o método pioneiro não haveria possibilidade de construção do método chamado de cientificamente exato.<sup>8</sup>

De um certo modo, Mandel (1985) analisou de uma forma bastante interessante as dimensões metodológicas do pensamento de Marx, sempre em referência concreta aos resultados e às investigações econômicas efetuados pelo pensador alemão. Para Mandel (1985, p. 7), “reduzir o método de Marx a uma ‘progressão do abstrato ao concreto’ implica ignorar a sua riqueza total”. Conforme se viu, uma tal redução pode ser subsidiada por uma leitura menos atenta ou com determinados vieses prévios a respeito do seu escrito metodológico mais famoso. Apesar do risco das limitações de

<sup>8</sup> Deve-se lembrar que o texto onde essas afirmações foram publicadas é um manuscrito e que suas assertivas devem ser analisadas com cuidado. O que se pode dizer, contudo, é que qualquer julgamento sobre os procedimentos da Economia Política ou da Crítica da Economia Política, seja acerca da descida a partir das totalidades para as abstrações mais simples, ou o caminho inverso, só pôde receber um julgamento depois que Marx se adentrou na matéria de modo suficiente a conhecer a sua natureza.

esquematisações de discussões sobre o método, Mandel (1985), consegue expor, de forma eficiente, os procedimentos de uma pesquisa metodológica na Crítica da Economia Política.<sup>9</sup>

Em primeiro lugar, para Mandel (1985), seria necessária a assimilação do material empírico e o domínio desse substrato. De acordo com o autor, esse material retrata as aparências do problema. Contudo, para Mandel (1985), também é bastante importante destacar que Marx não é um autor essencialista, visto que não existe, para o pensador alemão, alguma prioridade existencial da essência sobre a aparência. Ambos os fenômenos são instâncias existentes da realidade, e como tal, se for da intenção do conhecimento a reprodução mental das suas processualidades reais, é necessária a apreensão do objeto em suas duas dimensões. Isso pode ser visto o tempo todo em *O Capital* se se analisar os modos peculiares que o autor tem de citar os Economistas Políticos que o antecederam. Se a discussão se encontra em um nível superficial, as citações são feitas a partir de autores que trataram em determinado momento de sua obra as questões superficiais do tema. O movimento de *O Capital*, por isso, não permite que citações isoladas sejam tomadas como fundamentação de uma conclusão, sendo, antes, a fundamentação de um processo.

Para Marx (1972), a principal diferença metodológica existente entre essência e aparência reside no fato de que a segunda não é acessível de forma imediata. Daí sua conhecida asserção segundo a qual se toda a aparência coincidissem com a essência, a ciência seria desnecessária.

Seguindo as indicações de Mandel (1985), uma vez assimilado o material empírico, o próximo passo seria a divisão desse material em elementos abstratos. Para ele, essa seria a progressão do concreto ao abstrato – procedimento que Marx (1986) sugeriu ser falso na sua introdução aos *Grundrisse*. Contudo, sabe-se se tratar de um momento necessário, e por isso Mandel (1985) não deixou de os destacar. O terceiro e quarto passos indicados por Mandel (1985) são bastante próximos. O

<sup>9</sup> Isso porque, entre outras coisas, Mandel (1985) já era um autor experimentado no confronto com a realidade, e jamais adotou posições ortodoxas quanto ao método de pesquisa. Remete-se aqui ao seu *Tratado de Economia Marxista* em que Mandel (1962) se preocupa bem mais com a organização de informações empíricas do que com a aplicação de um método construído a priori.

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

terceiro seria a exploração das conexões gerais existentes, e o quarto, a descoberta de elos intermediários fundamentais, que representariam o caminho do abstrato ao concreto. Esse seria o caminho de volta, ou o passo considerado pelo manuscrito de Marx (1986) como cientificamente exato. Por fim, Mandel (1985) conclui que os demais passos são a verificação empírica e a descoberta de dados novos.

Essa separação esquemática, por mais eficiente e meritória que seja, deve ser recebida com cuidado. A verificação empírica, que é citada como quinto ponto, é o que já guia a análise desde a assimilação inicial do material empírico. Ela deve estar presente a todo momento se a intenção do pensamento for a apreensão do real.

Essas colocações nos permitem substanciar o debate inicial desse artigo: a colocação da pergunta como sendo um momento decisivo de qualquer análise. Por mais que essa colocação provenha da absorção de um material empírico, ela também orienta o próprio recolhimento desse material; orienta a progressão do concreto ao abstrato, afinal, não é possível que se instaure a análise do concreto em sua totalidade máxima; orienta a exploração das conexões; orienta a descoberta de elos fundamentais e a nova verificação empírica. O método tem que se revelar a partir do momento em que se encara o objeto que será analisado. Contudo, se um tal ponto de vista serve para superar a visão mecanicista, nem de longe resolve a questão metodológica em Marx.

Momentos mais recentes dentro da tradição marxista têm apresentado um outro lado do espectro metodológico e, dentre esses exemplos, talvez quem mais se ocupou com as derivações históricas mecanicista é a crítica realizada pela “Nova Leitura de Marx”. Segundo Elbe (2010), para compreender-se adequadamente a “Nova Leitura de Marx” é necessário ter como referência o seu contexto e a oposição por ela efetuada a autores que detêm um “modo de leitura restrito e ideologizado” (ELBE, 2010, p. 12). Segundo o autor, o enfoque da “Nova Leitura de Marx” é o seguinte: “no ponto central se encontra o conceito da forma e seu conhecimento adequado; (...) isso vale também para o tratamento das contribuições para a teoria do Estado e da revolução” (id., p. 9).

PROMOÇÃO



APOIO





Extraí-se da análise de Elbe a seguinte constatação: segundo a visão da “Nova Leitura de Marx”, a análise das formas não foi realizada de maneira adequada por uma certa tradição marxista, de teor mecanicista. Desse modo, caberia à “Nova Leitura de Marx” fazer o papel de reação ao que chama de paradigma tradicional que contesta interpretações pré-monetárias, que consideram que o valor antecede o dinheiro, que se opõem à visão historicizante-mecanicista.

Elbe (2010) encontra, nos textos de Engels, de modo destacado no *Anti-Dühring*, na sua resenha sobre *Para crítica da Economia Política* de Marx, no *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* e no posfácio ao terceiro volume de *O Capital*, a origem desse paradigma sob o qual as concepções de Marx seriam lidas ou recebidas pela tradição posterior. Pare o autor, Engels teria realizado, nesses textos, uma análise excessivamente historicizante. Karl Kautsky também teria tido, segundo Elbe (2010), participação nesse processo. Na sua visão, esses traços introduzidos por Engels e pelos demais autores que o continuaram, teriam como culminância a interpretação estalinista da teoria.

Elbe é categórico na sua análise, afirmando que “o materialismo histórico representaria a ‘parte histórica’ de um sistema de concepção de mundo, ou seja, uma ‘aplicação’ e ‘espalhamento’ de palavras de ordem ontológicas sobre a sociedade” (id., p. 17), cuja implicação seria, principalmente, um naturalismo teórico-social, ou uma lógica de desenvolvimento independente das ações humanas, que seria conscientemente utilizada ou acelerada conforme os altos escalões do partido:

Sob a luz de sua concepção de reflexo, Engels interpreta os primeiros capítulos de *O Capital* como uma apresentação simultaneamente histórica e lógica de uma ‘troca simples de mercadorias’ até as relações capitalistas de trabalho assalariado, ‘agora despidas da forma histórica e das contingências incômodas’ [ENGELS]. O conceito ‘lógico’, nesse contexto, quer dizer basicamente nada mais do que ‘simplificado’. O modo de exposição, da sequência das categorias (mercadoria, forma valor simples, desdobrada geral, dinheiro, capital) na *Crítica da Economia Política*, poderiam ser, assim, ‘nada mais do que a imagem refletida, em forma abstrata e teoricamente consequente, do curso histórico’ [ENGELS] (ELBE, 2010, p. 19, acréscimos nossos entre colchetes).

Segundo as avaliações críticas de Elbe (2010), se a teoria do capital tivesse seguido à interpretação engelsiana, ela deveria começar com referências diretamente empíricas, como por exemplo, a uma mercadoria pré-capitalista não determinada por preços, e a análise formal do valor deveria começar com uma interação acidental, não-

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

monetária, entre dois possuidores de mercadorias, a qual Engels data como existente no período que vai desde 6000 A.C. até o século XV. Elbe avança na sua crítica a Engels exemplificando um caso que ilustraria essa concepção equivocada: no intercâmbio sem dinheiro entre os agricultores medievais e os artesãos, em que eles seriam, ambos os grupos, possuidores de seus meios de produção, e sob uma condição na qual um trabalharia sob os olhares dos outros, o tempo de trabalho necessário para a produção de seus objetos deveria ser precisamente conhecido. Para o autor, a apresentação desse exemplo desvelaria um significativo problema de análise: “O valor de uma mercadoria seria pois, segundo Engels, determinado pelo tempo de trabalho *conscientemente* mensurado dos produtores isolados. O dinheiro não desempenharia nessa teoria do valor nenhum papel constitutivo” (ELBE, 2010, p. 20, grifo do original).

Na visão de Elbe (2010), a perspectiva econômica de Engels apresentaria um problema porque, de maneira análoga ao procedimento conhecido da Economia Política (qual seja o de projetar as categorias do modo de produção capitalista em toda a História), Engels estaria, segundo essas concepções, fazendo o mesmo. Estaria projetando para sociedades anteriores uma característica que seria existente apenas no capitalismo – a aparência da capacidade de aquisição de outros bens ou mercadorias a partir do próprio trabalho –, e ainda, promovendo uma evanescência da necessária conexão entre os trabalhos diferentes, dissolvendo esse processo nas deliberações conscientes dos produtores.

Enfim, de um modo geral, fica destacado que, na visão de Elbe (2010) a versão historicista da análise teria se tornado predominante apesar de todas as objeções. Por isso seria possível revelar diferenças metodológicas importantes entre o que chama de paradigma tradicional e o paradigma inaugurado pela “Nova Leitura de Marx”. Segundo a visão de Elbe: “o núcleo paradigmático” da “Nova Leitura de Marx” constitui-se “em uma *crítica do modo de leitura empírico ou historicista da análise formal marxiana da sociabilidade capitalista*, ainda pregado pelo marxismo ocidental e por vários representantes do neomarxismo” (2010, p. 32, grifos do original).

PROMOÇÃO



APOIO



### 3 CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, deve-se destacar que a crítica à concepção puramente historicista da exposição marxiana não deve corresponder uma análise que pretenda interpretar os textos de Marx como puramente lógicos. Se a dimensão lógico-sistemática não deter uma dimensão histórica, ela não conseguirá expressar de forma precisa as determinações do objeto, nas suas diversas mediações entre aparência e essência.

A exposição das categorias que Marx (1972) realizou no livro I de *O Capital* apresentam um caráter sistemático predominante em relação à exposição histórica. Contudo, o método de investigação não consegue propor um caminho lógico-sistemático antes que a pesquisa avance. O método de exposição, por consequência, não pode ser conhecido antes da realização da pesquisa. Apenas após a revisão do material relevante e a sua adequada integração nas funções que as categorias exercem no modo de produção capitalista é que Marx (1972) conseguiu achar o caminho para a exposição.

Por isso é que no prefácio de *O Capital*, Marx (1972) afirma que ao leitor pode *parecer* que a conexão das categorias é um construto *a priori*. Essa é uma palavra-chave nos escritos de Marx (1972) e que sempre merece atenção: *parecer*. Como ele sempre lida com a passagem da essência para aparência, ele sempre remete o seu público a um fato que parece. A aparência é uma dimensão necessária do objeto, cabe à pesquisa e à exposição conduzir à essência. E essa condução depende da exposição lógica, ainda que não se esgote nela.

### REFERÊNCIAS

ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS. **Manual de Economia Política**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1959.

#### PROMOÇÃO



#### APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

ALTHUSSER, Louis; BALIBAR, Étienne. **Lire le Capital I**. Paris: François Maspero, 1973.

CHASIN, José. **Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica**. São Paulo: Boitempo, 2009.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ELBE, Ingo. **Marx im Westen: die neue Marx-Lektüre in der Bundesrepublik seit 1965**. Berlin: Akademie Verlag, 2010.

HARVEY, David. **A companion to Marx's Capital**. London: Verso Books, 2010.

HEINRICH, Michael. **An Introduction to the Three Volumes of Karl Marx's Capital**. New York: Monthly Review Press, 2004.

HEINRICH, Michael. **Die Wissenschaft vom Wert: Die Marxsche Kritik der politischen Ökonomie zwischen wissenschaftlicher Revolution und klassischer Tradition**. Münster: Westfälisches Dampfboot, 2006. (4. Auflage).

LUKÁCS, Georg. **Marxismo e teoria da literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MANDEL, Ernest. **Traité d'économie marxiste**. Tome I. Paris: Union Générale D'Éditions, 1962.

MANDEL, Ernest. **Traité d'économie marxiste**. Tome IV. Paris: Union Générale D'Éditions, 1962a.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl. **Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie**. Burch I: Der Produktionsprozeß des Kapitals. Berlin: Dietz Verlag, 1972. (Marx-Engels Werke, Bd. 23).

MARX, Karl. **[Randglossen zu Adolph Wagners „Lehrbuch der politischen Ökonomie“]**. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Werke. Bd. 19. Berlin: Dietz Verlag, 1973.

MARX, Karl. **Introdução**. In: MARX, Karl. Para Crítica da Economia Política. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **The Communist Manifesto**. London: Pluto Press, 2017.

MÉSZÁROS, István. **Social Structure and Forms of Consciousness**. New York: Monthly Review Press, 2010.

PROMOÇÃO



APOIO

